

QREN - Aldeias de Memória

História de Vida

de

Lucinda de Jesus Gonçalves Pimenta

registada em 2009-02-09
por

Susana Pires e Jenny Campos

Lucinda de Jesus Gonçalves Pimenta

Lucinda de Jesus Gonçalves Pimenta nasceu no dia 5 de Julho de 1944, no Porto Castanheiro. O pai, Joaquim Pimenta, “trabalhava nas fazendas e andava pelas serras, a cortar mato e a fazer essas estradas”, a mãe, Amábília de Jesus, trabalhava na agricultura. Era dos produtos cultivados que comiam, do porco que criavam, das cabras e do queijo que faziam. Recorda as brincadeiras com as outras crianças da aldeia, à gacha, às escondidas e as bonicocas que faziam. Aprendeu a ler e a escrever, mas as professoras “vinham, ora não vinham”. Com uma capazinha branca de lista encarnada, Lucinda fez a Primeira Comunhão. O namoro, sempre vigiado pelos pais, com o marido que já estava em França, começou por cartas, um ano depois casaram. Já em França, tiveram um filho. Após 13 anos a trabalhar em França, regressou à Mourísia, onde trabalhou nas serras e na Mata da Margaraça. Hoje ainda trabalha no campo.

Índice

Identificação Lucinda de Jesus.....	4
Ascendência Amabilia de Jesus e Joaquim Pimenta.....	4
Casa Casa de madeira.....	5
Infância "Bonicocas de trapos".....	5
Educação "Exame debaixo do castanheiro".....	5
Religião "Um dia normal".....	6
Namoro Muitos namorados por carta.....	6
Casamento Pedida em casamento por carta.....	8
Descendência Um rapaz, o Leonel.....	9
Migração 13 anos em França.....	9
Percurso profissional A plantar pinheiros na serra.....	10
Costumes Outros tempos.....	12
Lugar "A Mourísia é mais alegre".....	15
Sonhos Uma profissão.....	17
Avaliação "Verem que é bonito".....	17

Identificação *Lucinda de Jesus*

O meu nome é Lucinda de Jesus Gonçalves Pimenta. Nasci no dia 5 de Julho de 1944, no Porto Castanheiro.



Lucinda de Jesus, com 30 anos

Ascendência *Amábilia de Jesus e Joaquim Pimenta*

A minha mãe era Amábilia de Jesus e o meu pai Joaquim Pimenta. O meu pai trabalhava nas fazendas e andava pelas serras, a cortar mato e a fazer essas estradas também. Era com uma picareta a amassar as penedas e a tirar aqueles cascalhos para fora. Já é tudo antigo, eu mal me lembro por ele lá andar mas ele andava pelas serras. A fazer pastagens. Era por conta do Estado que ele fazia isso. A minha mãe trabalhava na agricultura. A tirar estrume, a guardar as cabritas, a cavar terra e a semear as batatas, milho e feijão. Era o que comíamos. Matávamos

um porquinho todos os anos, fazíamos o enchido e tínhamos as cabritas para fazer o queijito. A sardinha, quando vinha, era metade para cada um em minha casa. Daquela grande. Ainda me tocou metade. A sardinha vinha de Midões. Lembra-me de lá vir um senhor vender, ainda era eu nova. Vinham de longe. Traziam-na numa carrinha. E não havia estrada, só ao cimo da Relva Velha, aí é que ficava a estrada e não havia mais estradas, a gente queria chamar um médico e não vinham. E as professoras vinham ao local ver a povoação, voltavam para trás e iam-se embora e a gente ficava sem escola.

Casa Casa de madeira

A minha casa era de frontais, de madeira. Um chão de madeira, o que era de parede era também de madeira, tudo em madeira antiga. Tínhamos lareira também. Quando era no Inverno, a gente íamos à lenha, acendíamos a lareira, e depois aquilo era só fumo por aquela casa fora. Não era como agora. Agora temos os fogões, tem tudo os aquecimentos mas, antigamente, era a lareira.

A minha casa tinha três quartos. Era o do meu pai, eu dormia com a minha irmã e tinha o outro do meu irmão. Somos três irmãos. A casa, só tinha mais a loja por baixo. A loja tinha as arcas, o vinho, o feijão e o milho. Os animais estavam nos currais. Tínhamos os currais e íamos ao mato para eles. Retirado do povo. Nas quintas.

Infância "Bonicocas de trapos"

Com a minha irmã, às vezes, a gente ainda brincava, mas, normalmente, brincava era mais com os de fora. À gacha e a correr atrás uns dos outros, às escondidas. Com os outros é que era mais assim brincar. Não tinha brinquedos. Fazíamos umas, chamavam aquilo, bonicocas de trapos e brincávamos com aquilo. Fazíamos vestidos. Tinham umas mãozitas e uns pés, e vestíamos. E brincávamos assim com aquilo. Não havia bonecas. Eram as bonicocas.

Educação "Exame debaixo do castanheiro"

Eu andei na escola mas a professora vinha e depois voltava e já não vinha. Estávamos anos sem professora. Elas vinham, ora não vinham. A gente queria era brincadeira. Por isso é que eu até escrevo mal, mas ainda leio um bocadinho. Já esqueci o que sabia. A escola era na minha terra. Mas a professora vinha fazer o exame aos Cepos. Ainda me recorde disso. Fiz o exame nos Cepos. Fôramos

a pé. Fizéramos o exame, a professora estava lá e depois comêramos o lanche, debaixo de um castanheiro. Lembro-me disto. Estava muito calor e comêramos o lanche debaixo de um castanheiro. Passei para a segunda classe.

Antes de ir para a escola lembro-me a minha mãe mandar-me ao mato primeiro. Nós entrávamos às nove, a escola ainda era um bocadinho retirada do povo, e a minha mãe mandava-me ir ao mato primeiro. Eu ia ao mato, depois, às vezes, lá iam para a escola e eu ainda ia com um molho de mato às costas, quando, às vezes, já estavam nas aulas. Depois ia para a escola, vínhamos almoçar e tornávamos a voltar e saíamos às três horas. Quando saía da escola, a gente havia de estudar como agora estudam, não queríamos saber de estudar. Íamos para as cabritas e brincar com os outros. Íamos para a estrada com elas. Aos três e aos quatro. Nas serras, por cima nas serras, com rebanhos de gado que a gente tínhamos. Estudávamos também, mas mal.

Religião "Um dia normal"

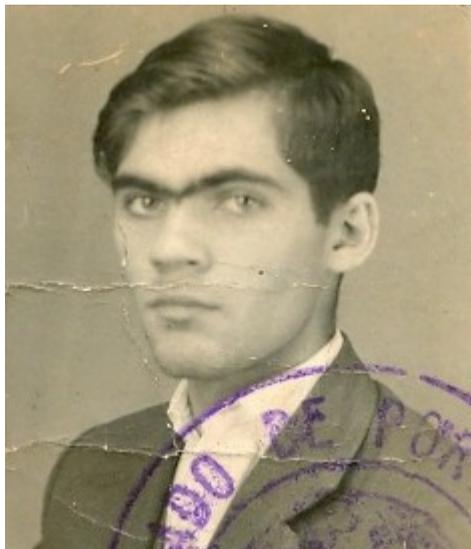
Havia uma senhora que ensinava a doutrina. Nós íamos ao domingo, um bocadinho e ela ensinava a gente. Era na capela. Fiz a Primeira Comunhão. Tinha uma capazinha branca e tinha uma lista encarnada. Chamavam aquilo um hábito. Mas era um dia normal. Comíamos normal. Íamos à missinha e vínhamos para casa e comíamos.

Namoro *Muitos namorados por carta*

Antigamente, a gente namorava em casa, os nossos pais estavam sempre a guardar a gente. Namorávamos na sala, à janela e os nossos pais estavam na cozinha, a ver se a gente dava um beijo ou se abraçava. Não é como agora. Estávamos guardadas. Eu namorar, assim namorar foi pouco tempo porque o meu marido estava na França. Vinha cá só de ano a ano. Namorávamos quando ele vinha, namorávamos. Tive muitos rapazes, vários, mas era por cartas. O meu marido é que era quando ele cá vinha.

Por carta, primeiro eles conheciam a gente, e depois escreviam. Sabiam o nosso nome, a direcção da terra e tudo e depois escreviam a carta a pedir namoro. Se a gente aceitava, escrevia. Ainda tive muitos. Eles iam para o baile, a Porto Castanheiro. A gente era muita mocidade, fazíamos aqueles grandes bailes. Aqueles antigos tocavam muito bem. Depois vinha muita gente, muitos rapazes de fora, muita mocidade. Concertinas e guitarras. Fazíamos uns grandes bailes. Eles conheciam a gente e depois escreviam. Eles falavam também lá no

baile. Escreviam a pedir em namoro, que gostava muito de mim, quando me viu, quando me conheceu. Se aceitava o namoro, a gente respondia. Se agradasse o rapaz escrevíamos, se não agradasse, não escrevíamos.



Carlos, marido de Lucinda, com 18 anos

O meu marido conheci-o porque eu namorei com o irmão dele. E depois eu fiz uma partida, que não havia de fazer, e ele deixou-me. Eu não gostava muito dele, e ele combinou que ia à minha terra, se eu lá estava, eu disse que sim, depois fui-me embora. Fui para Fajão com uma saca de mantas. Antigamente, havia uns teares que faziam mantas de fitas. E um senhor vendia essas mantas e ele falou para eu levar lá uma saca de mantas e eu fui a Fajão. Fôramos a pé. E depois ele foi lá, não me encontrou e depois deixou-me. Depois o meu marido estava em França, soube que o irmão me tinha deixado e depois escreveu-me uma carta a pedir-me em namoro. Eu não era para escrever mas depois começaram a dizer:

- "Ai escreve, escreve!"

Eu lá escrevi e assim começou o namoro e casei com ele.

Casamento *Pedida em casamento por carta*

Em casamento pedi numa carta. Namoráramos um ano por carta e depois casáramos. Pedi ao meu pai que eu já não tinha mãe. Pedi-me a mim e ao meu pai. Ele disse que sim, que não se importava. No dia do casamento, recebêramos na capela da minha terra, e depois fizéramos um almoço no salão e um baile, à noite.



Lucinda e Carlos (França, 1987)

Eu ia com um vestido branco e um véu. O meu marido levava uma roupa nova, um fato. Acho que era preto, às risquinhas. O almoço foi de tudo, chanfana, doces, bolos, pão-de-ló, tigelada, arroz-doce, mas era lá que faziam. Foi tudo feito na aldeia, aquelas mulheres ajudavam. E era bolo da noiva no fim. Não era muito grande mas ainda era um bolinho jeitoso.

Descendência *Um rapaz, o Leonel*

Tivemos um rapaz, dois anos depois de casar. Chama-se Leonel.



Leonel, filho de Lucinda

Migração *13 anos em França*

Casei e depois fiquei dois anos com o meu pai. Depois o meu marido veio e eu fui com ele para a França. Depois de casar o meu marido foi com a família dele para França. Trabalhavam lá todos juntos. E eu fiquei na Mourísia porque não tinha condições para eu ir. Depois arranjou casa e quando cá veio ele levou-me. Foi lá que eu tive o meu filho. Nasceu lá. Estive dois anos sem trabalhar. Depois arranjei trabalho. Trabalhei 13 anos, depois aquilo deu falência e eu vim para a minha terra.

Custou-me muito a adaptar na França. Fui morar ao pé dos meus sogros e custou-me muito. Depois eu fui trabalhar para o pé das minhas cunhadas. Fazíamos produtos para as casas, telha. Era uma fábrica de telha. Eu como não

sabia falar nada, as minhas cunhadas é que me desenrascavam. Às vezes, o encarregado, onde eu trabalhava, mandava-me ir para um lado e eu ia para o outro, porque eu não sabia nada, não falava. Era só por acenos. Depois lá me desenrasquei, mais ou menos.



Lucinda de Jesus

Percurso profissional *A plantar pinheiros na serra*

Voltei para Portugal, o meu filho já tinha vindo para a escola. Aquilo deu falência e nós estávamos numa aldeiazita. Não tinha carro, não tinha nada para ir trabalhar para outros lados, resolvêramos vir para a Mourísia. Andei a trabalhar nestas serras, a plantar pinhal, pinheiros pequeninos. A pé. Com aquelas caixinhas dos pinheiros à cabeça, a plantá-los. Depois andei na Mata da Margaraça, andei dois anos e meio também a trabalhar. A pé também. Daqui para diante, para a Relva Velha. Uma senhora da Moura é que me levava lá de carro. Ia a pé, ia e vinha. Ela deixava-me mais adiante. Eu mais o meu marido.

Para plantar os pinheiros fazíamos umas covazinhas com um enxadão, púnhamos o pinheirinho na cova e depois tapávamos. Vinham numas caixinhas dentro de umas caixas grandes. E a gente trazia aquilo à cabeça para plantar. Era

um senhor que trazia numa carrinha. Quando andávamos na floresta ganhava 14 escudos, ou 12, por dia, sem descontos nenhuns. Comíamos ao meio-dia. Tínhamos o almoço às nove horas mas era tudo a pé. Ainda no meu tempo de solteira era tudo a pé. Com umas tamanquitas. Ainda saímos de casa com as estrelas. Com aqueles cestitos de comer à cabeça, mas éramos muitas. Não era só eu. E íamos para lá longe. O comer fazíamos em casa e depois lá aquecíamos. Levávamos o comer num tachinho, fazíamos aquelas fogueiras grandes e depois aquecíamos ali a comida. Era arroz, feijão, sopa e carne. Eram uns cestinhos ainda grandes e andávamos lá em cima na serra. Foi de solteira o que estava agora a contar mas depois de casada também andei na serra, na Serra de Gouveia, ao pé da Serra da Estrela. Andáramos por cima de Gouveia, na serra, a plantar pinhal. Íamos de carro, com o encarregado. Todos os dias, menos aos domingos.

Na Mata da Margaraça trabalhei dois anos e meio mais o meu marido. Primeiro fui para cortar as mimosas. Cortáramos as mimosas e depois aquela lenhinha das mimosas púnhamos à beira das estradas e andáramos na Fraga da Pena, aquilo ali mete medo. Andei por cima num pinhal. Chorei lá tanto. Já não conseguia. Até cheguei a andar de joelhos a cortar mato. Havia aquelas fragas e a gente por cima, via aquilo por baixo. Metia uma coisa na cabeça que já não conseguia. Tinha muito medo das alturas. Aí ganhava ao mês. 200 e tal euros, 300, era conforme. Mulheres e homens igual. Íamos para a Moura para apanhar o carro. Saíamos ainda de noite, muitas vezes, até íamos na carreira que vinham buscar os alunos da escola para Côja. Vêm buscar aos Leões, a gente apanhava a carreira para a Moura, de manhã. Depois vinha a pé de lá para cá, agarrada a um pau, e vínhamos até por cima, pela estrada de cima. Daqui para Moura é meia hora a pé. Uma vez, cheguei ao cimo da Relva Velha, porque eu tenho artroses nos joelhos, e disse assim para o meu marido:

- Eu já não passo daqui. Manda vir um carro porque eu já não posso caminhar.

Todos os dias a pé da Mata para a Mourísia e daqui para lá, e depois passou um senhor do Tojo e depois é que me trouxe aqui em cima.

Também trabalho no campo. Agora o meu marido é que faz mais que eu não posso. A gente cava terra com um ancinho, faz estrume e tem as cabritas. Pomos couves, batatas, cebolas, milho, feijão.

Costumes *Outros tempos*

Filhós, a fazer e a comer

A gente na minha terra, no Natal, íamos à missa e depois almoçávamos, e depois íamos para o baile. Fazíamos um baile e púnhamos um pinheirinho em casa também, natural. Antigamente, não trocavam prendas. Agora é dar prendas à família. Mas antigamente, não. Não havia meios. A ceia era normal, batatas com couves, bacalhau e hortaliça. Às vezes, chamávamos os nossos avós para irem comer a minha casa. Era a fazer filhós e a comer naquela noite de Natal, como agora. Amassávamos as filhós. Fazia em casa com abóbora. Cozia a abóbora, depois escoávamos bem a água e amassávamos com farinha triga. Aquilo levedava, depois espichávamo-la e fazíamos num tachicho.

"Beijemos a cruzinha"

Na Páscoa vamos à missa e vem o Nosso Senhor a casa, beijemos a cruzinha e pomos o dinheiro em cima da mesa para levarem para o padre. Agora o padre não vem. No meu tempo, quando era nessa altura vinha o padre. Púnhamos amêndoas em cima da mesa. Não havia dinheiro. Eram queijos já curados e ovos. Ele levava tudo. Isso era quando eu era nova. Agora é diferente, agora põem o dinheiro para o padre.

Castanha assada e baile

No magusto agora assam em casa nos fogões, mas no meu tempo, como nós éramos raparigas todas novas, era muita mocidade, quando era Dia de Todos os Santos, juntávamos raparigas e rapazes e fazíamos o magusto na população. Íamos à caruma, depois assávamos as castanhas e comíamos. Tínhamos jeropiga, tínhamos vinho, depois era um baile. Havia muita mocidade, tanta mocidade. Quando casei já não mas quando era solteira havia baile todos os domingos. Havia muita mocidade e vinham de fora, das terras. Faziam aquelas tocatas na rua, aquilo era uma alegria. Agora já não fazem nada.

"Antigamente eram mais rijos"

A padroeira da Mourísia é a Santa Bárbara. A festa é em Agosto. Nestas festas está cá muita gente, que vem de Lisboa. Depois vem o padre dizer a missa e vem, às vezes, a música. No ano passado, veio cá a música numa procissão muito linda pelas ruas. Uns anos são mais valentes, outros anos são mais fracas. Primeiro faziam um baile e agora fazem ainda um toque, vem um conjunto e esta gente toda antiga ainda são mais do que os novos. Antigamente eram mais rijos. Nas festas também se come melhor. Fazemos sempre a chanfana, arroz-doce, cozidos. Cozido é hortaliça com batata e enchido. Há quem misture arroz, também.

Chanfana no forno

A chanfana a gente parte aos bocadinhos. Depois põe-na numa tacinha, chama a gente aquilo caçoilas, pomo-la ali e depois temperemo-la. Cebola, um bocadinho de alho, colorau, um bocadinho de vinho tinto e temperemo-la com uma folha de louro e salsa. Fica muito boa. E depois vai ao forno, coze-se, a gente vai mexendo até estar cozida e depois tiremo-la.

"Aquilo é bom"

A tigelada a gente faz conforme a porção que quer fazer dela. Bate o ovo bem batido e depois põe-lhe o açúcar e espreme um limão, para cortar o sabor do ovo, e depois vai a o forno nuns tachinhos, ficando cozida, tiremo-la. Aquilo é bom.

Queijo com cardo

O rebanho era para dar leite e para comerem, para matarem a chanfana, e fazer queijo. Para o queijo a gente amorna um bocadinho o leite e depois temos o cardo, umas ervazinhas que chamam aquilo cardo, que é melhor do que o que se compra nas farmácias. O cardo é plantado. Mais saudável que o pó da farmácia. Há quem ponha um bocadinho de pó. Mas o cardo é mais saudável. Aquilo coalha e depois fazemo-lo com um acincho. A gente tem um acincho com um pratinho. Depois vai calcando, vira-o e fica o queijo feito.

Mesas fartas na matança

Agora não matam o porco. Agora compram tudo. Antigamente, quando era a matança dos porcos, matavam os porcos no dia da Nossa Senhora da Conceição e chamavam a família, depois faziam uma grande festa. Chamavam os pais, os sogros, a família toda para comer, tudo à mesa. Até era uma coisa bonita. Vinham comer todos à mesa, à noite, vinham de lavar o enchido na ribeira. Já me lembra as minhas primas, era miúda, vinham ajudar a minha mãe, a lavar o enchido à ribeira e depois vinham cheias de frio da água fria. A minha mãe tinha sempre uma cafeteira de café para elas beberem, para beber à farta. Fazia arroz-doce, fazia filhós, torresmos, já me lembra de serem umas mesas fartas.

"Uma broa que é uma beleza"

Cultivávamos milho, tínhamos um moinho e moíamos o milho. Depois daquela farinha é que fazíamos o pão. Temos uma peneirazinha, peneirámos a farinha e depois fazemos o pão, pomos farinha triga e um bocadinho de centeio. Fica o pão muito bom. Depois aquecemos a água e com um bocadinho de fermento, amassêmo-la e depois cresce. Cresce com o fermento, como as filhós, e depois quando é para botar para o forno, já a massa leveda, é mexida e depois tendêmo-la, com uma malgazinha. Depois vai ao forno com uma pá. Era assim. Aprendi com a minha mãe. O moinho de pedra era da ribeira. Era da família do lado da minha mãe. Eu ia lá buscar a farinha nuns sarrões, chamávamos aquilo uns sarrões. Acho que era de pele de cabra. Enchíamos a farinha com uma pazinha e trazia os sarrões à cabeça, da farinha.

De vez em quando ainda faço umas broazinhas. Tenho um moinho eléctrico na loja. Mas a minha broa é muito boa. Não é como a gente compra porque leva farinha triga, milho, um pedacinho de centeio, fica ali uma broa que é uma beleza.

Médico e barbeiro

Quando alguém precisava de medicamentos ia a Côja. A pé. Iam buscar os medicamentos a Côja. Falavam com o médico, mas morreu muita gente sem assistência médica. Também havia um senhor da Benfeita. Era José Augusto, era como um médico. Tinha um cavalo, iam lá e ele vinha. Assistia a partos e vinha a cavalo para assistir.

"Numa cesta para a Benfeita"

Eu até tenho uma mão aleijada. Caí, quando era pequenina, à porta da minha tia. Havia umas pedrinhas, chamavam a gente as roçadoras. Eu tinha 3 anos, andava a brincar, depois a pedra caiu, bateu-me no dedo, ficou logo todo esmagado e não fecho a mão. A minha mãe agarrou numa cesta, fui numa cesta para a Benfeita, lá é que ele me arranjou isto. Não me lembro o que ele fez mas a minha mãe contava que um dedo ficou logo cortado e o osso esmagado, por isso é que eu não fecho.

Lugar "A Mourísia é mais alegre"

Serão à luz dos candeeiros e da lareira

Sempre gostei da minha terra, Porto Castanheiro, porque houve sempre muita gente, mesmo agora há muita gente. Havia muita mocidade. Depois casei, fui embora, e vim para a Mourísia. A Mourísia é mais alegre, a terra até é mais alegre, porque na minha terra não se vê nada. E aqui ainda se vê o Sobral Magro, o Sobral Gordo, e a minha terra é numa cova. Não se vê nadinha. Mas primeiro nas aldeias não havia luz. Eram uns candeeiros e as lareiras. Não havia luz, era uns candeeirinhos pequeninos, umas lanternas. Ainda tenho um candeeiro de chaminé também com petróleo. Íamos para a casa das vizinhas à noite, passar um bocadinho. Chamam aquilo o serão, fazer renda. Era com aqueles candeeirinhos que a gente fazia a renda.

A água íamos às fontes. Não havia água em casa. Nem para tomar banho. Era numa bacia. Íamos à fonte buscar os cântarinhos de água à cabeça.

Não havia fogões. Cozinhar era à lareira numas panelas de ferro e de barro. Até cozinhavam para os porquinhos. Cozinhavam numa panela grande de ferro e daí é que ia o comer para eles. Para assar alguma coisinha era no forno.

Correio a pé

O correio antigamente era a pé. O meu marido também chegou a fazer. Iam a Soito da Ruiva, ao Sobral Gordo, e à Moura. Era a pé, andavam a pé com o correio às costas. Todos os dias menos ao domingo.

"Havia muita bruxa"

Antigamente, quando eu era mais nova havia as bruxas. Havia muita bruxa. Eram mulheres mas depois diz que se transformavam de borboletas e atacavam rapazes. Na minha terra, uma vez uma, que eles conheciam mas não podiam dizer quem era, chegou a enfiar um rapaz num cortiço das abelhas. Um rapaz que estava à noite na cama. Elas foram lá ter com ele e meteram-no no cortiço. Diziam que as bruxas atacavam as pessoas.

E os lobisomens a gente nunca viu mas ouvir, ouvia. Eu mais a minha irmã estávamos no quarto, tínhamo-nos deitado, e a minha casa tinha um quelho da serra para baixo, um carreiro, e eu estava mais a minha irmã na cama, e ouvíramos aquele tropelo de um cavalo. Ouvíramos, pelo quelho para baixo. E depois diz a minha irmã assim:

- "Olha o que vai aí!"

Passou, parecia-me um cavalo. Porque dizem que se lhes dá o cheiro do cavalo, fazem-se em cavalo. Eram homens que se transformavam em bichos. Se lhes desse o cheiro de uma cabra, era uma cabra, se desse o cheiro de um gatinho era um gato. Diziam, eu não sei. Diziam que a mãe que tivesse sete filhos e não tivesse nenhuma rapariga, que um era lobisomem. Diziam os antigos, a gente não sabe. Aquilo no fim transformavam-se outra vez em homens. Não faziam mal às pessoas. Aquilo era só de noite, estava na cama e ouvia-se aqueles tropelos.

O castanheiro

Na Mourísia há um castanheiro dos mais antigos. É muito cheio, e acham-lhe graça. Deviam fazer para aí uma estradinha. Tem só um carreirinho. Mas veio muita gente, de muito lado, ver o castanheiro. De Arganil, até já tiraram uma foto ao castanheiro, que está na Câmara.

As pessoas são amigas

Eu gosto da Mourísia. As vistas são boas, melhor que na minha terra. E as pessoas também são boas. A gente convive uns com os outros. Quando uma pessoa está doente, ajuda-a. Vamos à missinha todos os domingos, todos juntos, numa carrinha. E gosto das pessoas de cá também. Gosto. São amigas.

Sonhos *Uma profissão*

Se a gente tivesse uma profissão era muito melhor. Costureira ou outras coisas. Isso era mas não tinha meios. Os meus pais não tinham possibilidade, não havia meios, não havia estrada, não havia carros. Havia umas na minha terra que aprenderam pela cabecinha delas. Faziam roupas. Tinham memória, mas se fossem para onde as ensinassem melhor era para elas.

Avaliação "*Verem que é bonito*"

Acho que este trabalho é bem. Andarem a fazerem isso. Para depois um dia faltam os mais idosos, os mais novos verem que é bonito.